



Caderno de Leituras n.92

a literatura, muitas vezes

maria gabriela llansol



a literatura, muitas vezes

maria gabriela llansol

Este texto foi publicado pela primeira vez em Lisboa, no dia 14 de março de 1982, no Suplemento Cultural do jornal português *O diário*. Mantivemos a grafia original, e agradecemos à Associação Espaço Llansol por ter autorizado esta publicação.

Muitas vezes me inquieta o desejo de saber, nos limites do conhecimento, quais são as finalidades da literatura; é uma fronteira de que devo aproximar-me indefinidamente, nunca tendo a alegria de a atingir; é uma questão sem fim, não “de facto”, nem *a posteriori*.

Quando estivermos mortos, e completa a nossa acção relativamente cega, outros homens poderão dizer o que entre nós, hoje, foi o *medium* literatura; se a imagem do texto, a que mais corresponde à fidelidade, não é dada pela imagem final que está por detrás do texto, e que efeitos por ela induzidos deixámos em herança; mas para nós, ainda vivos e tantas vezes sujeitos à compulsão da escrita, a questão é, segundo julgo, sem fim. O que eu penso nem sequer servirá de objecto de discussão, já que nenhum critério de verdade poderá ser chamado a arbitrar os diferentes pontos de vista que, deste modo, se inscrevem no universo lasso das opiniões.

Faz sofrer viver sem certezas, mas os que devem viver sem elas, têm a possibilidade de guardar silêncio, ou então a faculdade de conversar: falar entre si das suas próprias persuasões íntimas e afirmá-las como hipóteses ou, melhor ainda, como sentidos desejáveis para o futuro próximo da nossa cultura humana. É óbvio que um sentido desejável é um misto de factos, de gostos, de interesses – uma liga de sólido e de frágil, uma montagem por vezes, de inclinações várias que dê caminho para o que, inexpresso, nos destruiria o corpo e o sentimento mas que, expresso, sem contexto e sem arte, nos perverte a vontade e esteriliza o entendimento. Em termos psicanalíticos, diria que essa montagem instável é talvez um meio hábil que nos permita não sermos presas da nevrose, nem nos instalarmos na paranóia. Viso aqui os confins do nosso *medium* escrita que abre novos caminhos humanos.

A outra observação me parece igualmente óbvia; em literatura não há progresso previsível e programável. Mais uma vez, *a posteriori*, outros dirão quais foram as nossas deslocações tipológicas aos confins, caso tenham existido e tornado socialmente operativas. Os sentidos eventualmente criados não são, de per si, imediatamente funcionais, como ninguém sabe, *a priori*, se há novos possíveis, muito menos sentidos viáveis.

Pode, inclusive, acontecer que não haja novos possíveis humanos. Eventualidade que pertence à desesperança, e a que não se pode responder, no que



hoje diz respeito ao nosso *medium*, a não ser pela tentativa de criação de novas técnicas escriturais; não se trata, em meu entender, de inventar processos, ou incidentes, mas da convicção de que a escrita é tão só uma visão que é técnica de linguagem. Pessoalmente nunca escrevi uma palavra; nem vejo em palavras; ouço imagens que se confrontam a admirações de pensamento e que não serão nada se não nascerem com o corpo que lhes convém. E, sem metáfora alguma, corpo e linguagem são estritamente sinónimos, mesmo se em categorias paralelas ou, mais exactamente, funções idênticas em reais diferentes. E entro aqui no centro do que converso; chegámos agora a um momento em que não sabemos em que somos (homens), em que nos escapa o nome de homem e de mulher, em que o social não é, por agora, lugar de criação da História, em que a noção de real é puramente metafórica, em que – perdemos o rasto das fontes da alegria. Habitados a agir sabendo quem somos, o desconhecimento do nosso próprio nome angustia-nos e, num crescendo, nos vai paralisando. Copiar não basta, a necessidade de criar é imperiosa.

Para que o existente que com nossas mãos tocamos sobreviva, necessário se torna criar reais-não-existentes, “outros possíveis” que serão outros mundos se a linguagem os fizer e o corpo os puder tornar viáveis; e não haverá mundo se no seu centro irradiante estiver ausente a figura da alegria, que cada um de nós possa vislumbrar.

Nada disto é para mim piedoso voto, nem consolação pueril; sei que escrevo num momento em que a fome anula milhões de seres humanos, em que o despotismo quebra as solidariedades e as vontades, em que a guerra pretende tornar-se o pão do homem como se as diferentes culturas em confronto tendessem, cada vez mais, a aproximar-se no uso da violência e nos deixassem definitivamente perplexos quanto ao que uma sociedade seja.

Não afirmo qualquer analogia ou simbolismo entre as micro-situações que escrevo e estas que imediatamente me condicionam; e, no entanto, penso que um laço ténue, hipotético e virtual une as duas ordens de factos. Laço que é uma das tradições maiores do nosso *medium*, a sua finalidade mais humana: experimentar soluções para os problemas vindouros, bater-se contra os intoleráveis.

Recolher o grão de areia, cultivar o nó de qualidade, que transmutará macro-condicionalismos de agora em vivências singulares de outro tempo. É esse o meu gosto profundo.

Como disse, no social a vibração e o sentido estão completamente esgotados; a espécie, de peripécia em peripécia, morre de sede à míngua de outros campos do possível. Paradoxalmente, será talvez necessário que a espécie saia de si mesma, da sua monocultura, entre profundamente em contacto com os universos próximos e não falantes – e procure a identidade na errância de uns e de outros. Estamos realmente vivendo uma das maiores migrações culturais da nossa espécie, e por bandos inteiros estamos partindo à procura das fontes da alegria, e da sua figura irradiante.

Caderno de Leituras n.92

A literatura, muitas vezes

Maria Gabriela Llansol

Coordenação editorial Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte Luísa Rabello

Revisão João Barrento

Projeto gráfico Luísa Rabello

Composto em Sporting Grotesk, desenhada por Lucas Le Bihan e Corbel, de Jeremy Tankard.

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, setembro de 2019

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Projeto 0699/2017.

Patrocínio

unibh 

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA